

- *Não sabes o segredo dela — disse-me Win.*
 — *E devia saber?*
Win encolheu os ombros.
 — *É grave? — perguntei.*
 — *Muito — respondeu Win.*
 — *Então talvez não queira saber.*

Dois dias antes de eu saber o segredo que ela mantivera enterrado por uma década — o segredo aparentemente pessoal que iria não só destruir-nos a ambos mas mudar o mundo para sempre —, Terese Collins telefonou-me às cinco da manhã, empurrando-me de um sonho quase erótico para outro. Disse apenas «Vem a Paris».

Não ouvia a sua voz desde os últimos sete anos, talvez; havia interferências na linha e ela nem se preocupou com cumprimentos nem preâmbulos. Mexi-me na cama e perguntei:

— Terese? Onde estás?

— Num hotel acolhedor na margem esquerda do Sena chamado D’Aubusson. Vais adorar. Há um voo da Air France que parte às sete da noite.

Sentei-me. Terese Collins. As imagens vieram de enxurrada — o biquíni escabroso, aquela ilha privada, a praia beijada pelo sol, o olhar dela capaz de derreter dentes, o seu biquíni escabroso.

Vale a pena mencionar duas vezes o biquíni.

— Não posso — respondi.

— Paris — disse ela.

— Eu sei.

Quase dez anos antes, fugíamos para uma ilha como duas almas perdidas. Pensei que não nos tornaríamos a ver mas vimos. Uns anos depois, ela ajudou a salvar a vida do meu filho. E depois, *puf!*, desapareceu sem deixar rasto — até agora.

— Pensa lá nisso — disse ela. — A Cidade das Luzes. Podemos fazer amor a noite toda.

Consegui engolir.

— Sim, claro, mas que faremos durante o dia?

— Se bem me lembro, o mais certo é precisares de descansar.

— E de vitamina E — repliquei, sem conter um sorriso. — Não posso, Terese. Estou comprometido.

— Com a viúva do 11 de Setembro?

Estranhei que ela soubesse.

— Sim.

— Não é por causa dela.

— Desculpa mas acho que é.

— Estás apaixonado? — perguntou.

— Adiantaria dizer que sim?

— Não.

Mudei o telefone para a outra mão.

— Que aconteceu, Terese?

— Não aconteceu nada. Quero passar um fim-de-semana romântico, sensual e cheio de fantasias contigo em Paris.

Outra engolidela em seco.

— Não sei nada de ti há quês... uns sete anos?

— Quase oito.

— Liguei-te — disse-lhe. — Várias vezes.

— Eu sei.

— Deixei mensagens. Escrevi cartas. Tentei encontrar-te.

— Eu sei — repetiu.

Silêncio. Não gosto de silêncios.

— Terese?

— Quando precisaste de mim — disse ela —, quando precisaste mesmo de mim, eu ajudei-te, não foi?

— Sim.

— Vem a Paris, Myron.

— Assim, sem mais nem menos?

— Sim.

— Onde estiveste este tempo todo?

— Conto-te tudo quando chegares.

— Não posso. Estou comprometido.

Outra vez o maldito silêncio.

— Terese?

— Lembras-te de quando nos conhecemos?

Fora no rescaldo da maior tragédia da minha vida. Calculo que o mesmo se aplicasse a ela. Ambos convidados a assistir a um evento humanitário por amigos bem-intencionados e, mal nos vimos, foi como se a infelicidade mútua fosse magnética. Não acredito muito nisso de os olhos serem janelas da alma. Já conheci muitos loucos capazes de nos fazerem crer nessa pseudociência. Mas a tristeza era tão visível nos olhos de Terese. Emanava de todo o seu corpo e, naquela noite, com a minha própria vida em ruínas, era disso que eu necessitava.

Terese tinha um amigo dono de uma pequena ilha nas Caraíbas, não muito longe de Aruba. Fugimos nessa mesma noite e não dissemos a ninguém para onde íamos. Acabámos por passar lá três semanas, a fazer amor, quase sem falarmos, desaparecendo e mergulhando um no outro porque nada mais existia.

— Claro que lembro — respondi.

— Estávamos destroçados. Nunca falámos disso. Mas sabíamos-lo.

— Sim.

— O que quer que te destroçou — disse Terese —, conseguiste superar. É natural. Recuperamos. Magoamo-nos e depois recompomo-nos.

— E tu?

— Não consegui reconstruir a minha vida. Acho que nem queria. Estava arrasada e talvez fosse melhor continuar assim.

— Não estou a perceber.

A voz dela suavizou-se.

— Não achei, melhor dizendo, ainda não acho, que gostasse de ver como seria o meu mundo reconstruído. Que não ia gostar do resultado.

— Terese?

Não respondeu.

— Quero ajudar — afirmei.

— Talvez não possas — replicou. — Talvez não valha a pena.

Mais silêncio.

— Esquece que te liguei, Myron. Fica bem.

E desligou.

— Ah — exclamou Win —, a delectável Terese Collins. Essa sim, tem um traseiro de primeiríssima.

Estávamos nas frágeis bancadas do ginásio do liceu de Kasselton. Os cheiros familiares, a suor e detergente industrial, enchiam o ar. Todos os sons, como em todos os ginásios idênticos espalhados por este vasto continente, eram distorcidos, os ecos estranhos formando o equivalente áudio de uma cortina de chuveiro.

Adoro ginásios destes. Cresci num deles. Passei muitos dos meus momentos mais felizes em recintos igualmente abafados com uma bola de basquetebol na mão. Adoro o barulho dos dribles. Adoro o brilho de suor que começa a aparecer nas caras durante o aquecimento. Adoro o toque do couro rugoso na ponta dos dedos; esse momento de pureza neo-religiosa quando os olhos se fixam no cesto, soltamos a bola, ela rodopia e depois não existe mais nada no mundo.

— Ainda bem que te lembras dela — repliquei.

— Um traseiro de primeiríssima.

— Sim, ouvi da primeira vez.

Win fora meu colega de quarto na Duke e agora era meu sócio e, juntamente com Esperanza Diaz, o meu melhor amigo. O seu verdadeiro nome era Windsor Horne Lockwood III e tinha todo o ar disso: finos caracóis loiros com a risca traçada por uma divindade; tez rosada; rosto bonito e aristocrático; pescoço bronzeado, de golfista; olhos azul-gelo. Vestia umas calças caríssimas com um vinco que rivalizava com a risca do cabelo, um *blazer Lilly Pulitzer* azul com forro rosa e verde, um lenço de bolso a condizer, farfalhudo como uma flor de esguicho de um palhaço.

Roupa de queque.

— Quando a Terese estava na televisão — comentou Win, o sotaque arrogante de universitário que explica o óbvio a uma criança um nadinha lerda — não se conseguia ver bem. Sentada à mesa do telejornal.

— Hã-hã.

— Mas depois vi-a naquele biquíni. — Para os mais atentos, era o tal biquíni escabroso de que já lhes falei. — Bem, que belo material. Desperdiçado numa pivô. Uma autêntica tragédia.

— Como a do Hinderburg — repliquei.

— Engraçada, a alusão — comentou Win. — E muito oportuna.

O semblante de Win era de permanente altivez. As pessoas olhavam para ele e viam uma fortuna europeia, elitista, snobe. Em grande parte, acertavam. Mas a parte em que se enganavam... podia deixar um fulano seriamente estropiado.

— Continua — disse ele. — Acaba lá a história.

— É só isto.

Win franziu o sobrolho.

— Então, quando partes para Paris?

— Não vou.

No campo, começou o segundo período. Era basquetebol de juvenis do quinto ano. A minha namorada — o termo parece fracote mas não sei se «amante», «mais que tudo» ou «amiga colorida» se aplicarão. — Ali Wilder tem dois filhos, jogando o mais novo nesta equipa. Chama-se Jack e não era muito bom. Digo-o não para ajuizar ou prever futuros sucessos — o Michael Jordan só entrou para a equipa do liceu no segundo ano — mas como observação. Jack é grande para a idade, robusto e alto, e a isso alia-se muitas vezes a falta de velocidade e descoordenação. Havia uma certa lentura nos seus dotes atléticos.

Mas Jack adorava o jogo e isso valia muito para mim. Era um miúdo amoroso, um totó na melhor acepção da palavra, e carente como é normal num garoto que perdeu o pai tão trágica e prematuramente.

A mãe só chegaria no intervalo e eu, mais que não seja, dou-lhe o meu apoio.

Win continuava de sobrolho franzido.

— Deixa-me ver se eu percebi bem: recusaste um fim-de-semana com a delectável Ms. Collins e o seu traseiro de primeiríssima num hotel de charme em Paris?

Era sempre um erro falar de relações com Win.

— Exacto — respondi.

— Porquê? — Win virou-se para mim. Parecia sinceramente perplexo. Depois o semblante desanuviou-se. — Ah, espera.

— O quê?

— Ela engordou, não foi?

Win.

— Não faço ideia.

— Então?

— Então tu sabes. Estou comprometido, não?

Win olhou-me como se eu tivesse defecado no campo.

— Que foi? — perguntei.

Recostou-se.

— És cá um moralista.

A buzina soou e Jack pôs os óculos e encaminhou-se pesadamente para a mesa do marcador com o seu maravilhoso meio-sorriso apateado. Os miúdos do quinto ano de Livingston jogavam com os arqui-rivais de Kasselton. Tentei não sorrir perante o empolgamento — não tanto dos miúdos mas dos pais sentados nas bancadas. Procuo não generalizar mas as mães normalmente dividiam-se em dois grupos: as Tagarelas, que aproveitavam a ocasião para socializar, e as Aflitas, que viviam e morriam cada vez que os filhotes pegavam na bola.

Os pais costumavam ser mais problemáticos. Alguns conseguiam disfarçar o nervosismo, resmungando entre dentes, roendo as unhas. Outros fartavam-se de berrar. Insultavam árbitros, treinadores e miúdos.

Um pai, sentado duas filas à nossa frente, tinha aquilo a que eu e Win demos a alcunha de «Tourette do Espectador», passando o jogo todo sem se conter, a mandar vir com toda a gente à sua volta.

Eu tenho, quanto a isso, uma perspectiva mais clara do que a maioria das pessoas. Tinha sido essa raridade — o desportista verdadeiramente dotado. O que foi um choque para a família toda, já que a maior façanha desportiva conseguida por um Bolitar antes da minha vez foi o meu tio Saul ter ganho um torneio de jogo da malha num cruzeiro em 1974. Concluí o liceu de Livingston como um autêntico campeão nacional. Distingui-me como defesa na Duke e capitanei duas equipas no campeonato da NCAA. Fora seleccionado para os Boston Celtics.

E depois, catrapum, acabou-se tudo.

Alguém gritou:

— Substituição.

Jack ajustou os óculos e correu para dentro do campo.

O treinador da equipa adversária apontou para Jack e berrou:

— Ei, Connor! Mandaste o novo. É grande e molengão. Só estorva.

O pai do Tourette resmungou:

— É um jogo decisivo. Porque o meteram agora?

Grande e molengão? Tinha ouvido bem?

Olhei para o treinador do Kasselton. Com o cabelo cheio de *nuan-ces* espetado com gel e uma barbicha escura muito bem aparada, mais parecia um antigo baixista de uma *boys band*. Era alto — eu meço um metro e noventa e cinco e o fulano tinha mais uns cinco centímetros que eu, além de pesar, calculei, mais uns dez ou doze quilos.

— «É grande e molengão»? — repeti, para Win. — Viste-me esta do treinador?

Win encolheu os ombros.

Tentei não ligar, também. O empolgamento do jogo. Deixa lá.

O marcador estava empatado nos vinte e quatro quando o desastre aconteceu. Logo a seguir a um desconto de tempo e com a equipa de Jack a fazer passes de bola por baixo da tabela da equipa adversária. O Kasselton decidiu apertar com eles. Jack ficou livre. Passaram-lhe a bola mas por um momento, com os defesas à sua volta, Jack baralhou-se. Acontece.

Jack olhou em redor a pedir ajuda. Virou-se para o banco do Kasselton, o mais próximo dele, e o treinador matulão do cabelo espetado berrou: «Lança! Lança!» e apontou para o cesto.

O cesto errado.

— Lança! — berrou outra vez o treinador.

E Jack, que gostava naturalmente de agradar e confiava nos adultos, lançou.

A bola entrou. Na tabela errada. Dois pontos para o Kasselton.

Os pais do Kasselton pularam com vivas e risos até. Os pais de Livingston ergueram os braços barafustando por causa do erro de um miúdo do quinto ano. O treinador do Kasselton, o tipo do cabelo espetado e barbicha de *boys band*, deu um cá-mais-cinco ao treinador adjunto, apontou para Jack e berrou:

— Eh, puto, faz lá isso outra vez!

Jack talvez fosse o mais corpulento em campo mas nesta altura parecia esforçar-se ao máximo para ficar o mais pequeno possível. O meio-sorriso pateta desaparecera. O lábio tremeu, os olhos pestanejaram. Todo o seu corpo se contraiu e o meu coração também.

Um pai do Kasselton estava radiante. Riu-se, fez um megafone com umas mãos sapudas e berrou:

— Passem ao puto grande da outra equipa! É a nossa melhor arma!

Win deu-lhe uma palmadinha no ombro:

— Cale-se imediatamente.

O pai virou-se para Win, viu a roupa de queque, o cabelo loiro e o rosto delicado. Já ia fazer um sorriso desdenhoso e mandar-lhe uma resposta torta mas alguma coisa — talvez o básico instinto de sobrevivência numa mente tacanha — o fez mudar de ideias. Fitou os olhos azul-gelo de Win e logo baixou os dele, dizendo:

— Sim, desculpe, esta foi indecente.

Eu mal ouvi. Não conseguia mexer-me. Fiquei a olhar para o safado do treinador do cabelo em pé. Senti o sangue a ferver.

A buzina tocou, assinalando o intervalo. O treinador ainda se ria e abanava a cabeça de espanto. Um dos adjuntos foi apertar-lhe a mão. Tal como alguns dos pais e espectadores.

— Tenho de me ir embora — disse Win.

Não dei resposta.

— Ou é melhor ficar? Por via das dúvidas?

— Não.

Win fez um breve aceno de cabeça e saiu. Eu continuava de olhar fixo no treinador do Kasselton. Levantei-me e comecei a descer as bancadas. Os meus passos pareciam trovões. O treinador dirigiu-se para a porta. Fui atrás dele. Entrou para a casa de banho sorrindo como o idiota que era, inquestionavelmente. Esperei por ele à porta.

Quando ele saiu, comentei:

— Impecável.

Tinha as palavras «Treinador Bobby» bordadas na camisola. Estacou e olhou para mim.

— Desculpe?

— Instigar um miúdo de dez anos a lançar ao cesto errado — disse-lhe. — E a graçola do «Eh, puto, faz lá isso outra vez» depois de o ter humilhado. É um tipo impecável, treinador Bobby.

Os olhos dele semicerraram-se. De perto, era grande, corpulento, tinha uns antebraços grossos, mãos nodosas e uma testa de troglodita. Conheço o estilo. Todos nós conhecemos.

— Faz parte do jogo, amigo.

— Gozar um miúdo de dez anos faz parte do jogo?

— Baralhá-lo. Obrigar o adversário a cometer um erro.

Eu não disse nada. Ele tirou-me as medidas e achou, claro, que podia comigo. Os matulões como o treinador Bobby acham que podem praticamente com todos. Só olhei para ele.

— Há algum problema? — perguntou.

— São miúdos de dez anos.

— Sim, claro, miúdos. Você é o quê, um desses papás caguinchas e sentimentalões que acham que em campo devem ser todos iguais? Que ninguém os deve ofender, ninguém devia ganhar ou perder... olhe, se calhar nem devia haver marcador, não?

O treinador adjunto do Kasselton aproximou-se. Tinha uma camisa igual, a dizer «Treinador adjunto Pat».

— Bobby? Vai começar a segunda parte.

Avancei um passo.

— Acabe com isso.

O treinador Bobby brindou-me com o esgar e a resposta já previsíveis:

— Senão?

— Ele é um miúdo sensível.

— Oh, que pena. Se é assim tão sensível, talvez não devesse jogar.

— E você talvez não devesse treinar.

O treinador adjunto Pat avançou então. Olhou para mim e depois espalhou-se-lhe pelo rosto o sorriso trocista que eu tão bem conhecia.

— Olha, olha.

O treinador Bobby perguntou:

— Que foi?

— Sabes quem é este tipo?

— Quem?

— O Myron Bolitar.

Consegui ver o treinador Bobby processar o nome como se a testa dele tivesse uma janela e o esquilo que corria na pequena pista fosse ganhando velocidade. Quando as sinapses deixaram de disparar, o sorriso do treinador Bobby rasgou praticamente os cantos da barbicha.